

Alguns Aspectos da Prostituição Feminina de Ontem e de Hoje 3

Manuel Fernando Queiroz dos Santos Junior¹

Elucir Gir²

Lázado D'Assunção Batista de Souza³

Phallcha Luiza Obregon³

Sandra Irene Sprogis dos Santos³

Vera Lucia Gattas³

RESUMO

Realizou-se um levantamento bibliográfico em periódicos, com os objetivos de buscar definições sobre “prostituição”, citar a classificação das prostitutas, mostrar alguns aspectos da propaganda da prostituição, identificar o significado da prostituição para estas mulheres, bem como os fatores que as levariam à prostituição. Com estes últimos dois objetivos, entrevistou-se 74 prostitutas em 2 cidades do interior paulista.

Palavra-chave: prostituição feminina.

INTRODUÇÃO, EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Atualmente existe certa dificuldade em se conceituar prostituição e distingui-la da promiscuidade sexual. Esta é definida como o uso do sexo

1. Professor da Faculdade de Saúde Pública -USP

2. Professor da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto -USP

3. Alunos do Curso de Pós-Graduação-Faculdade de Saúde Pública -USP

Recebido em 28.09.94

10.10.94

de forma indiscriminada, isto é, o estabelecimento de relações sexuais com qualquer pessoa e onde quer que seja, de forma casual.

É evidente que o estilo de vida da juventude de hoje, não baseado nos usos e padrões sociais como prevalecia há algumas décadas, tem favorecido a promiscuidade sexual. É difícil, por isso, delimitar a linha divisória entre promiscuidade e prostituição. No entanto, parece que o elemento econômico, ou seja, as vantagens monetárias, continuam a ser um fator causal preponderante na prostituição propriamente dita.

É possível encontrar-se com facilidade artigos de literatura que relacionam doenças sexualmente transmissíveis (DST) com prostituição, mas não são abundantes os trabalhos sobre a prostituição em si, desde o ponto de vista social ou sociológico, não obstante ser considerada por alguns autores como a profissão mais antiga do mundo.

Apesar de muito combatida moral e/ou legalmente em diversas sociedades e épocas, particularmente quando relacionada a crimes, vadiagem, exploração da pessoa Humana ou uso de drogas, a tendência da prostituição foi sempre manter-se imbatível e crescente, particularmente nos momentos de crise social e econômica, em guerras, nas grandes migrações, etc.

Historicamente, a prostituição estava ligada intimamente aos cultos religiosos. No Egito Antigo, além da prostituição no templo, a prostituição profana era exercida por dançarinas, musicistas e criadas das tavernas. Na Índia, limitava-se a atos sexuais entre os sacerdotes e as bailarinas. Na Grécia, além da prostituição no templo (culto de Afrodite), havia a prostituição profana, pelo menos desde o século VI, que foi regulamentada por Sólon, sendo fiscalizada pelo Estado que obrigava os estabelecimentos especializados a pagar impostos. Os bordéis não eram secretos nem mal afamados como hoje em dia, sendo de fato “casas públicas”, que os homens freqüentavam às claras. A prostituição florescia, particularmente nos portos e estações termiais. No entanto, algumas cidades gregas, como Esparta, não estimulavam a prostituição (Willy e col., 1961).

Na Roma Antiga existia a prostituição ligada aos cultos religiosos, além da prostituição profana, exercida quase exclusivamente pelas escravas. De acordo com a mentalidade racional romana, a prostituição não tardou a ser regulamentada (vigilância oficial, tentativas de limitação, tributação). Como por toda a parte onde vigoram leis, naturalmente também havia prostituição clandestina, exercida em grande escala por mulheres que, fingindo-se musicistas, a exerciam em albergues, confeitarias, tavernas e principalmente nos balneários, acarretando imensos lucros à cidade. Os prostíbulos formavam uma indústria de grande envergadura, cuja exploração não constituía ato desonroso; os clientes eram recrutados entre

os viajantes e os estrangeiros, embora tais casas fossem também frequentadas por burgueses de categoria (Willy e col., 1961).

A prostituição parece não haver existido entre os antigos germanos. Na França era punida com a pena de morte e entre os visigodos a meretriz era açoitada e expulsa.

O Cristianismo, tão oposto à sexualidade, e a abolição da escravidão com o advento do Feudalismo, impediram, durante certo tempo, a expansão do meretrício na Europa Central. Mas já na época das Cruzadas grande número de prostitutas acompanhava os exércitos. Em 1200 a França regulamentou a prostituição, adotando o modelo antigo (bordéis, impostos). No fim do século XIV esse sistema tornou-se vulgar em qualquer cidade da Alemanha. Na Inglaterra a prostituição, regulamentada desde 1161 por um ato do Parlamento, prosperava sobretudo, nos estabelecimentos de banhos.

Como fontes de excelentes rendas, os bordéis eram protegidos oficialmente. Os próprios dignatários da Igreja, não desdenhavam, às vezes, o dinheiro assim arrecadado. O Papa João Paulo II decretou que se protegesse a prostituição de todo abuso e de toda a violência. Clemente VII até decretou que as prostitutas entregassem a metade dos seus ganhos a um convento (Willy e col., 1961).

Referente ao caráter semi-oficial da prostituição na Idade Média, as prostitutas eram desprezadas principalmente pelos senhores, que a tal respeito eram muito severos. Não obstante isso, por ocasião das recepções em honra dos mesmos ou de personagens de alta categoria, desempenhavam elas oficialmente papel de relevo. Prova deste desprezo são os uniformes e as insígnias que elas deveriam usar em quase todos os países.

Já nos tempos modernos a fiscalização médica intensifica-se e a luta contra a prostituição clandestina toma-se cada vez mais ativa. Com o advento do Capitalismo, como diz Sudhorf, a prostituição se “estendeu... a todas as classes da sociedade...” (Willy e col., 1961). Mesmo atualmente, não é raro a prostituta esconder-se sob uma pseudo-profissão (secretaria, autista, garçonne, manequim, etc). Muitas mulheres sem profissão, ou que não conseguem trabalho, caem na prostituição.

Sobre a evolução da prostituição em São Paulo, Fonseca (1982), no seu livro “História da Prostituição em São: Paulo”, aborda com profundidade o desenvolvimento do meretrício no Estado desde que o mesmo começou a tornar-se notório na época quinhentista na Vila Piratininga, como então era chamada a cidade de São Paulo, até a época atual. Naquela época, primeiros tempos da existência da Vila, ela consistia em um aglomerado de casas... “isolado no Planalto pela Serra do Mar... excelente refúgio para todos aqueles que... fugiam da justiça: criminosos, desordeiros e outros...” Parece não haver documentos explicitando a prostituição naqueles anos, dada a facilidade com que “as índias se entregavam ao homem

branco”. No entanto, documentos reunidos pelo autor acima ditado referem a ocorrência freqüente de certas cenas de imoralidade e escândalos sexuais junto as duas fontes onde os moradores abasteciam-se de água, o que preocupava grandemente as autoridades responsáveis pela moralidade pública, sem que as multas crescentes emanadas pelas mesmas tivessem o efeito desejado.

No século XVIII a Vila já estava se tornando rica, graças à descoberta do ouro em fins do século anterior e tornou-se “uma passagem quase obrigatória para os aventureiros de todos os tipos que para lá se dirigiam, deixavam suas marcas no pequeno povoado”.

Em ausência da maioria dos homens que rumavam para as minas ou embrenhavam-se pelo sertão em busca de índios, as mulheres ficavam praticamente desamparadas, bem como os velhos e as crianças. A miséria e o maior número de mulheres em relação aos homens foram os fatores que conduziram a um grande desenvolvimento do meretrício nessa época, a tal ponto que algumas mulheres casadas foram expulsas da Vila em 1641 pela Câmara, por comportamento indigno. Os documentos da época referem que “os bailes eram os locais onde se praticavam os desmandos sexuais, situação que prevalecia desde as duas últimas décadas do século XVI”, época em que começaram a surgir as proibições aos homens brancos de freqüentarem esses locais onde os “negros” praticavam verdadeiras orgias.

No que se refere às “casas de prostituição” ou “casas de mulheres”, conforme denominação encontrada nos documentos da época, parece que surgiram no início do século XVIII, numa época em que o povoado passou a ser freqüentado por numerosos forasteiros, indivíduos turbulentos e depravados, criminosos e prostitutas que, “em grupos armados, preparavam-se para a exploração das jazidas auríferas de recente descoberta em Cuiabá”.

No mesmo século XVIII a prostituição encontrava-se disseminada também pelas vilas e povoados do interior da Capitania (hoje Estado) de São Paulo. E em todos esses lugares, como na capital, os problemas causados pelas mulheres da vila “alegre” eram solucionados conforme as conveniências do momento, ao arbítrio pessoal das autoridades. Dependendo da gravidade dos atos praticados e das normas costumeiras existentes sobre o assunto, eram aplicadas penas tais como a prisão e o desterro para lugares distantes e praticamente desertos “onde auxiliariam o povoamento”.

No começo do século passado São Paulo já era uma modesta cidade no altiplano, com algo menos de 10.000 habitantes, em sua maioria mulheres que, segundo cronistas, eram belas e simples. A maior parte da população vivia na pobreza que ainda se agravava Irais com os constantes recrutamentos ocorridos a partir de 1808. Encontravam-se velhos, mulheres e crianças reduzidos praticamente à indigência. As atividades

manuais estavam reservadas aos escravos. Assim, os adultos livres encontravam pouquíssimas oportunidades de trabalho. Uma das saídas encontradas por esses desempregados foi o furto e o crime, para o homem, e a prostituição, para a mulher. Muitas das mulheres que alegavam ser costureiras e rendeiras praticavam na verdade o meretrício, ou pelo menos exerciam as duas atividades. A noite deixavam as costuras, se as tinham, e saíam para as ruas.

Documentos da segunda metade do século XVIII chamavam a atenção para o espetáculo de numerosas meninas esmolando ou prostituindo-se nas ruas da cidade. Com menos de 12 anos de idade, algumas já se lançavam ao meretrício. Em sua maioria eram órfãs ou enjeitadas pelos pais. Muitas destas eram recolhidas por escravos ou por famílias paupérrimas que logo as atiravam na prostituição, almejando algum lucro. Outras, filhas de meretrizes, simplesmente seguiam o caminho trilhado pela mãe, talvez como única forma de tentar sair da indigência.

Duas instituições foram criadas, ainda no primeiro quartil do século XIX, “objetivando o amparo da criança desvalida” e para evitar o ingresso das crianças na prostituição: a Casa dos Expostos e o Seminário das Educandas, inauguradas ambas em 1825. É de se notar que a última Casa dos Expostos só foi extinta na capital em janeiro de 1950.

Um dos aspectos salientados por alguns documentos desde o século passado refere-se ao chamado “meretrício doentio”. Ao anoitecer, o centro da cidade recebia a visita de algumas mulheres com os rostos parcialmente cobertos pelas mantilhas que envergavam. Davam preferência aos lugares mais escuros onde pudessem esconder dos possíveis fregueses menos avisados as deformações provocadas pela moléstia de que eram portadoras: a lepra.

Quanto aos homens leprosos, sem espera- pelo anoitecer, “acintosamente procuravam os mais baixos lupanares onde eram recebidos pelas mulheres ávidas de dinheiro, que se mostravam indiferentes ao mal” (Fonseca, 1982). Além da lepra, outras doenças afligiam os freqüentadores do meretrício paulistano, entre as quais a sífilis e a gonorréia, que se faziam presentes em larga escala.

Nas últimas décadas do século XIX e princípios do século XX, a prostituição alterou-se radicalmente, não só em composição social, como também em sua forma de comportamento.

O meretrício, antes do afluxo de grande número de imigrantes, de um modo geral era tranquilo, sem escândalos, ofensas e desordens, voltado exclusivamente para subsistência das mulheres. As prostitutas estrangeiras que tomaram conta da cidade anos depois visavam ao enriquecimento ou, pelo menos, algum dinheiro antes de voltar ao país de origem, ou instalar-se definitivamente no Brasil, numa posição mais

favorável, Daí a disputa, a competição e a rivalidade entre elas, com as conseqüentes desordens, tumultos, brigas, etc.

“Introduziram certas práticas sexuais consideradas anormais e tornaram outras corriqueiras, colocando as nacionais, durante vários anos praticamente fora de competição. Muitas não vacilavam em praticar crimes para mais rapidamente enriquecer” (Fonseca, 1982). O progresso e a riqueza da cidade foram também os responsáveis pelo surgimento do cafetão profissional no meretrício paulistano. Em 1936, nos arquivos da Delegacia de Costumes do Gabinete; de Investigações estavam fichadas 10.008 prostitutas, das quais 4.608 eram brasileiras, sendo as outras francesas, polonesas, portuguesas, alemãs, argentinas, italianas, russas, etc.

A primeira tentativa de regulamentação do meretrício em São Paulo data de 1879. Essa tentativa, como outras que seguiram, foram objetos de críticas e resistência por parte de diversos grupos, não obstante terem tido algum efeito positivo, dada a sua divulgação. Em geral, a preocupação fundamental nas propostas de regulamentação era de natureza profilática “em benefício da segurança e saúde pública” (Fonseca, 1982).

O baixo meretrício cresceu fundamentalmente nos bairros mais centrais de São Paulo e começou a estender-se cada vez mais para a periferia, invadindo bairros até então residenciais, razão pela qual as autoridades trataram de confiná-lo na zona do Bom Retiro, para melhor policiamento e fiscalização sanitária mais eficiente, o que foi feito em 1930, nas ruas Itaboca e Aymorés. Tanta promiscuidade proliferou nessa zona que, em 1951, começou a ser estudada a forma de desativação desse confinamento, o que veio a ser feito em dezembro de 1953 (Governador Carvalho Pinto) com grande protesto das meretrizes.

A partir de então o meretrício, que mesmo com o confinamento nunca deixara de expandir-se, continuou a sua marcha ascensional, assumindo novas e variadas formas. Surgiram estabelecimentos habilmente disfarçados, sem porém esconder totalmente suas reais finalidades. As “casas de massagens”, as saunas, os motéis e os “drive-in” proliferaram por todos os setores. Estes fatos podem ser observados em periódicos de grande circulação onde se encontra grande número de anúncios com diversos tipos de mensagens e chamarizes que se direcionam tanto a homens quanto a mulheres, sejam estes homo, bi ou heterossexuais.

Na Bíblia Sagrada (1969) há referência da prostituta Tamar, denunciada como culpada de incesto (Gênesis, cap. 38/15 a 210) e de Raabe, a quem atribuiu a traição pela qual a cidade de Jericó foi dominada pelos Judeus (Josué, cap. 2/1 a J). Carolino (1980) refere que Tamar e Raabe foram respectivamente a primeira e segunda prostitutas identificadas na história.

Estes dados revelam que a prostituição feminina remonta a milênios e que existiu em quase todas as civilizações. Apesar da sua longa trajetória, assume ainda hoje importância a nível de saúde pública mundial, o que nos levou à realização deste trabalho, que teve como objetivos:

1. Realizar levantamento bibliográfico sobre a definição de prostituição.
2. Citar a classificação das prostitutas.
3. Identificar alguns aspectos sobre a propaganda da prostituição.
4. Citar alguns fatores causais da prostituição.
5. Identificar o significado da prostituição para estas mulheres.

METODOLOGIA

Realizou-se um levantamento bibliográfico, selecionando-se os artigos cujos títulos sugerissem a temática “prostituição feminina” relacionada ao aspecto histórico, à classificação e aos fatores causais (Objetivos 1 e 2).

No que se refere à propaganda da prostituição, procedeu-se a um levantamento de anúncios comerciais divulgados em dois jornais de grande circulação no Estado de São Paulo, aqui denominados Jornal 1 e Jornal 2, no período de quinze dias seguidos (Objetivo 3).

Entrevistou-se 74 prostitutas, 37 da cidade de Ribeirão Preto-SP e 37 de Taubaté-SP, a fim de identificar o significado da prostituição para estas mulheres, bem como os fatores determinantes para esta opção de trabalho e vida (Objetivos 4 e 5).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1) Definição de Prostituição

A prostituição, considerada como a profissão mais antiga do mundo, é um problema complexo que está condicionado a vários fatores que a tornam inextirpável da sociedade. Sua intensidade e modalidade mostram uma ampla variedade sócio-cultural em todas as culturas e épocas (Gallo e col. 1978).

Até o momento não se tem uma definição precisa que envolva a magnitude da prostituição, encontrando por isso várias definições.

Etimologicamente a palavra prostituição provém do latim “prostituire” que significa colocar diante, expor. O sufixo “ção” do latim “tione”, composto de “ti”, sufixo dos nomes verbais alargado pelo sufixo en (on), designa a ação.

Segundo Salles (1967), a prostituição é o uso de pessoa mediante paga variável, durante minutos ou horas, para fins libidinosos em geral e prática hedonística do coito em particular, sem amor, sem intenção reprodutora implícita, podendo ou não a renda obtida pela meretriz ser parcial ou totalmente entregue ao seu explorador, lenão ou cafetina, o que constituirá o lenocínio.

A organização internacional de Polícia Criminal definiu prostituição em 1957 como sendo o fato de alguém satisfazer habitualmente e mediante retribuição os desejos sexuais de outrem, com um número ilimitado de parceiros.

Em Tóquio, o Conselho Econômico e Social da Organização das Nações Unidas, em 1957, utilizou o termo “prostituto” para designar toda pessoa de um ou outro sexo que, mediante remuneração em espécies ou in natura, de maneira habitual e sob qualquer forma, entrega-se a relações normais ou anormais com diversas outras, tanto do mesmo sexo como do sexo oposto, durante todo ou parte do seu tempo.

Maffei (1951) diz que a prostituição é um mal deplorável, mas não se pode negar que na sociedade desempenha a função de uma válvula de escape aos desejos sexuais, à libidinagem do homem. Esta concepção já havia sido proposta por Cícero, que dizia que a prostituição é uma necessidade social.

Willy e cor. (1961) mencionam que para os moralistas romanos a prostituição era uma válvula de segurança que permitia aos celibatários e aos homens casados a satisfação de seus dons equívocos como as raparigas “perdidas”. Tais moralistas afirmavam que dessa maneira a pureza do matrimônio e a honra das jovens ficavam preservadas.

Gallo e cor. (1978) consideram a prostituição como um mal aceito que proporciona satisfação para a promiscuidade sexual dos homens solteiros e casados, enquanto protege-se a virgindade das mulheres que irão se casar.

Scambler e cor. (1990) dizem que a prostituição é uma forma de trabalho sexual e consiste no conceito que o indivíduo (mulher ou Homem) habitualmente faz de seu corpo, proporcionando a indeterminadas pessoas prazeres sexuais, visando ao pagamento variável.

Rodriguez (1960) define a prostituição como um lacre social tanto pelas suas causas como pelos seus efeitos, que provém dos vícios próprios da natureza humana. Compreende normalmente toda uma organização social dada ao proxenetismo: a preparação, iniciação e exploração da mulher através da prostituição. Os efeitos degradantes do ofício se traduzem ação anti-social, através do contato das prostitutas com delinquentes que as familiarizam e as relacionam com atividades delituosas, seja como cúmplices dos criminosos ou como delinquentes. Desde o enfoque da higiene o exercício da prostituição tem sua repercussão social como eficaz transmissor de DST.

Pelos aspectos mencionados anteriormente, percebe-se que é difícil uma definição que envolva todos os aspectos citados. Concorde-se com Scambler e col. (1990), no sentido de considerarem a prostituição como uma atividade comercial onde se negocia a satisfação sexual por um preço estabelecido, não deixando de lado o vínculo dessa atividade à estrutura econômica-social.

2) Classificação da Prostituição

De acordo com a literatura revisada, a prostituição pode ser classificada:

- Por sexo:

- a) *mulher prostituta*: geralmente recorre a relações heterossexuais.
- b) *homem prostituto*: geralmente recorre a relações homossexuais e, às vezes, bissexuais.

- Segundo legalidade:

- a) *prostituta oficial*: trabalha em bordéis, ou em domicílios individuais.
É tolerada e fiscalizada pelo país, a depender de normas estabelecidas.
- b) *prostituição clandestina*: mulheres prostitutas que são reconhecidas como “profissionais” (e que muitas vezes têm uma profissão).

Segundo Willy e col. (1961) até hoje nenhum país conseguiu, mediante a prostituição oficial e confessada, abafar ou mesmo limitar a prostituição clandestina.

Carolino (1980) destaca que Altavilla considera três tipos de prostitutas:

- a) prostituta moral: mulher que mantém relações sexuais promiscuamente em razão de uma deficiência moral.
- b) prostituta ocasional: mulher que vive da prostituição mas que possui outras atividades.
- c) prostituta profissional: mulher que vive exclusivamente da prostituição como único meio de subsistência.

Wilson (1990) classifica a prostituta de acordo com o lugar em que ela trabalha:

- a) prostituta de rua: trabalha principalmente em quarteirões próximos aos hotéis, bares, cinemas, shoppings, estações de serviços que funcionam 24 horas e lugares residenciais de categoria. Geralmente prefere homens ricos com carro e idade média. Dorme com seus clientes em diversos locais, incluindo a residência dos mesmos ou em quartos de hotéis alugados por eles.
- b) prostituta de casa: são bem conhecidas esses apartamentos, geralmente situados no centro das cidades e nos subúrbios de alta densidade. São poucas as prostitutas que trabalham exclusivamente em suas residências.
- c) prostituta de bar: a palavra “bar” é utilizada para designar aos “beer-gardens”, de propriedade privada ou de funcionamento às vezes ilegal. Geralmente estão situados nos subúrbios de alta concentração, onde existem comodidade e álcool. Nestes lugares permite-se a entrada de mulheres desacompanhadas.

Segundo Wilson e col. (1990), as prostitutas podem ser classificadas em: a) prostitutas de rua. b) prostitutas de casa, saunas, hotéis, agências ou clubes.

- a) *prostitutas de rua.*
- b) *prostitutas de casa, saunas, hotéis, agências ou clubes.*

Para Gallo e Alzate (1978), existem os seguintes tipos de prostitutas:

- a) colegial: vive permanentemente em bordéis.
- b) prostituta de rua: pertence ao nível mais baixo, encontra clientes em cafés baratos e hotéis.
- c) copeiras: trabalha como empregada em cafés; atende a seus clientes nos seus quartos ou nos bordéis.

Existe ainda a classificação por localidade do bordel:

- a) em *zonas de tolerância*: funcionam legalmente.
- b) *fora dos distritos*, ou na *periferia*: funcionam ilegalmente.

3) Propaganda da Prostituição

Quanto aos resultados do levantamento de anúncios de “acompanhantes” em jornais de grande circulação, observou-se que o jornal 1 apresenta maior número destes anúncios (77,5%) em relação ao jornal 2 (22,5%). Este fato demonstra que o jornal 1 atinge um público maior de pessoas que procuram esses anúncios.

Em relação aos dias da semana, observa-se que o total de anúncios aparecem com números semelhantes nos mesmos dias da semana e proporcionalmente iguais em relação ao total de anúncios. Salienta-se o fato de que os dias em que aparecem maior número de anúncios são 3ª feira (apenas no jornal 1), 5ª feira, 6ª feira, sábado e domingo (na mesma proporção para ambos os jornais).

No que refere ao tipo de anúncio apresentado, de acordo com a tabela 1, tem-se os itens com os maiores percentuais na ordem: *feminino particular*: 34,1% no jornal 1, enquanto que no jornal 2 um total de 55,3%; *agência feminina* incidiu em 10,9% no jornal 1 e 10,8% no jornal 2; o item *masculino particular* apareceu em 8,6% no jornal 1 e 2,4% no jornal 2; o item *massagem* aparece em 6,1% e 9,1% respectivamente no jornal 1 e 2; e o item *dupla feminina* em 2,3% no jornal 1 e 8,9% no jornal 2. No item “outros” foram englobados diversos tipos de anúncios que tiveram menor número de repetições sendo que o jornal 1 apresentou números e porcentagens mais elevadas (38,0%) que o jornal 2 (13,4%).

Em cada item acima observou-se que eram divulgados sob diversas formas de “slogans”, e que foram englobados nos respectivos itens de representação da categoria:

- 1) *Feminino particular*: ativa, dominadora, sádica, sadomasoquista, estudante, coroa(s), universitária, empresária, mulher casada, ninfeta, garota semi-virgem, japonesas, negras, etc.
- 2) *Agência feminina*: acompanhantes, modelos, capas de revistas, mulher para executivos.
- 3) *Masculino particular*: garotão, bem dotado, para mulheres de alto nível, atlético, etc.

- 4) *Massagem*: sauna, relax, karaoke, massagem para stress, privê, etc.
- 5) *Dupla feminina*: “amor em trio”, “duas primas”, “dupla perfeita”, dupla insaciável, etc.
- 6) *Outros*: casal, “boneca(s)”, disque namoro, fitas em VHS, agências de casais, etc.

Com este levantamento em apenas dois jornais, pôde-se concluir que, embora os dados sejam preliminares, estes anúncios devem atingir um público muito amplo. Considera-se que estudos mais aprofundados com relação aos mesmos devem ser elaborados.

Sugere-se que sejam investigados a partir dos próprios anúncios o preço do atendimento e a clientela atendida (sexo, idade, profissão, etc.). Quanto ao local de atendimento, é ele citado em alguns anúncios, como: atende em hotel/motel, só em sua própria casa, aonde o cliente quiser... Em muitos anúncios, observa-se também a idade destes indivíduos, donde poder-se-ia fazer uma análise buscando as idades de todos através dos seus telefones. Esta também poderia ser uma alternativa para se obter informações sobre as DST, visto que este assunto nem sempre pode ser abordado de forma fidedigna por parte do entrevistado, quando se está a sua frente.

4) Fatores Causais para a Prostituição

Em entrevista com 74 prostitutas evidenciou-se que no referente ao significado da prostituição para estas meretrizes, obteve-se como resposta mais comum “sobrevivência, necessidade, meio de vida”. Em segundo lugar destacou-se a resposta das mulheres de Ribeirão Preto que referiram que a prostituição não significa “nada”. Numerosos outros significados foram atribuídos, porém em frequência menor (tabela 2).

Percebeu-se que certas respostas são revestidas também de conotações negativas como revolta, fuga, vingança, vergonha, sofrimento, autodestruição, bem como de conotações positivas como satisfação, prazer, amizade, convivência, trabalho normal, dentre outros.

Dos comentários feitos relativos a essa profissão alguns são destacados a seguir. Pode-se elucidar dois grupos correspondentes aos aspectos que trazem, satisfação e dificuldades, respectivamente.

Tabela 1: Distribuição de anúncios para acompanhantes segundo jornais 1 e 2 e tipo de anúncio.

Tipo de Anúncio	Jornal 1		Jornal 2		Total	
	(%)	Nº	(%)	Nº	(%)	Nº
Feminino particular	(34,1)	630	(55,3)	297	38,8	927
Agência feminina	(10,9)	201	(10,8)	58	12,7	259
Masculino particular	(8,6)	159	(2,4)	13	7,2	172
Massagem	(6,1)	112	(9,1)	49	6,7	161
Dupla feminina	(2,3)	42	(8,9)	48	3,7	90
Outros	(38,0)	704	(13,4)	72	32,5	776
TOTAL	(77,5)	1878	(22,5)	537	(100,0)	2385
		(100)		(100)		(100)

Fonte: Jornais de grande circulação do Estado de São Paulo (1) e (2).

Tabela 2: Distribuição das respostas das prostitutas sobre o significado da prostituição, Ribeirão Preto e Taubaté.

Significado da Prostituição	Ribeirão Preto		Taubaté		Total	
	Nº	(%)	Nº	(%)	Nº	(%)
- sobrevivência, necessidade, meio de vida	6	(16,2)	16	(43,2)	22	(29,7)
- nada	9	(24,3)	1	(2,7)	10	(13,5)
- satisfação, prazer	2	(5,4)	2	(5,4)	4	(5,4)
- vergonha	4	(10,8)	-	-	4	(5,4)
- sem opinião	4	(10,8)	-	-	4	(5,4)
- amizade, convivência	1	(2,7)	2	(5,4)	3	(4,1)
- algo chato, mais ou menos	-	-	2	(5,4)	2	(2,7)
- profissão	-	-	2	(5,4)	2	(2,7)
- trabalho normal	-	-	2	(5,4)	2	(2,7)
- independência	2	(5,4)	-	-	2	(2,7)
- experiência para valorizar a vida	1	(2,7)	-	-	1	(1,3)
- fuga	-	-	1	(2,7)	1	(1,3)
- "deitar na cama e combinar preço"	1	(2,7)	-	-	1	(1,3)
- diversão	1	(2,7)	-	-	1	(1,3)
- tentativa para ficar rica	-	-	-	-	1	(1,3)
- vida	1	(2,7)	-	-	1	(1,3)
- nojo	1	(2,7)	-	-	1	(1,3)
- vulgaridade	1	(2,7)	-	-	1	(1,3)
- vender o corpo, trocar por dinheiro	-	-	1	(2,7)	1	(1,3)
- traição ao ex-namorado	2	(5,4)	-	(2,7)	2	(2,7)
- auto-destruição e sobrevivência	1	(2,7)	-	-	1	(1,3)
- cansaço	-	-	1	(2,7)	1	(1,3)
- nada de errado	-	-	1	(2,7)	1	(1,3)
- caos	-	-	1	(2,7)	1	(1,3)
- profissão rebaixada pela sociedade	-	-	1	(2,7)	1	(1,3)
- sofrimento	-	-	1	(2,7)	1	(1,3)
- último degrau da vida	-	-	1	(2,7)	1	(1,3)
- não se sente explorada	-	-	1	(2,7)	1	(1,3)
TOTAL	37	(100)	37	(100,0)	74	(100,0)

Satisfação:

- É gostoso. Acho bom
- É bom ser desejada
- Dinheiro
- Tenho boa renda
- Faço o que gosto
- É divertido
- É bom beber com amigo
- É bom para conhecer pessoas

Dificuldades/Aspectos negativos:

- Sexo anal
- Sexoro oro-vaginal
- Humilhação
- Não tem hora para dormir, sair de casa
- “Não posso dar endereço para ninguém”
- “É difícil ter auto-satisfação, mas preciso viver e sem dinheiro não se vive”
- “Não gosto desta vida”
- “É difícil não ter ninguém, mas é o melhor que a vida oferece”
- “Levo esta vida para deixar algum dinheiro para a minha família”
- “Vida muito difícil, mas financeiramente é muito satisfatória”
- “Quero deixar esta vida, mas não tenho para onde ir”
- “A morte é o fim de todos”.

Carolino (1980) aponta alguns elementos que em geral permeiam a vida das prostitutas: ausência de lar afetivo ou de simples afeição compartilhada pela parceira, altos índices de tentativa de suicídio, gradativa diminuição de sensibilidade (decorrente do progressivo grau de alcoolização) e elevado número de parceiros desconhecidos e com características pessoais diferentes, provocando o que Goffmann (1974) denominou de “contaminação psíquica”.

Dentre os motivos que levaram a população estudada a inserir-se na prostituição destaca-se, como fator prioritário, o financeiro. Outros como insatisfação pessoal, desilusão familiar, rejeição, fuga, influência de terceiros e curiosidade, também constituíram fatores decisivos para algumas mulheres, embora em frequência baixa. Estes dados coincidem com os resultados obtidos por Carolino (1980) que obteve, como fatores decisivos, o econômico (37,7%) e os problemas relativos à família (14,0%).

Esse mesmo autor cita vários estudos sobre as causas da prostituição, que levam em conta tanto aspectos econômico-sociais como aspectos psicológicos. A respeito dos aspectos sócio-econômicos Ferraz (1952), aponta as seguintes causas: insuficiente amadurecimento psíquico, anomalias fiscais ou mentais, pobreza excessiva, desorganização do meio familiar, falta de educação intelectual e profissional, consequência de atentado sexual (estupro).

Em relação aos aspectos psicológicos Carolino (1980) menciona que Cáprio afirmou que a prostituta é uma sado-masoquista e que a prostituição é uma defesa da mulher contra o lesbianismo, pois as relações com muitos homens demonstram seus desejos homossexuais inconscientes. Diz que a prostituta nutre pelo homem um sentimento de desprezo, considera-o grosseiro, agressivo, insensível e desprezível. Refere ainda que o psiquiatra francês Choisy considerou como causas essenciais a grande ansiedade básica, em virtude da carência do amor paterno na infância e o insucesso para seduzir o pai, o que por conseguinte gera frustração, auto-degradação e auto-destruição devido ao tempo perdido de valor ante os olhos do pai, além de rebelião e vingança, frigidez e aversão aos homens.

Estes resultados foram obtidos após realizar um tratamento analítico em algumas prostitutas. Estas causas referidas pela autora estão fundamentadas na teoria freudiana do complexo da prostituição, onde uma menina, ao se sentir não amada pelo pai, degradará seu próprio valor sexual, entregando-se mais tarde a qualquer um.

Para Maffei (1951) as causas da prostituição agrupam-se em dois grupos principais: a) Fatores psicossomáticos, tais como perturbações morais, doenças mentais e b) Fatores econômico-sociais, dentre os mais importantes.

Como se pode observar, a maioria dos autores concorda que o fator sócio-econômico exerce um papel importante na etiologia e manutenção da prostituição, sendo a miséria a causa fundamental. No entanto, observa-se (em menor escala) que há algumas mulheres com amplo poder econômico e de nível educacional aceitável que se prostituem por prazer (alteração de conduta).

É evidente que também existem indivíduos que se prostituem para obter drogas, como a cocaína.

James (1977) encontrou algumas diferenças significativas entre as mulheres não prostitutas e as prostitutas. Dentre elas destacam-se que as prostitutas aprenderam sobre sexo mais por experiências pessoais, do que através de educação dos pais e que, quando crianças, muitas das suas experiências sexuais foram propostas por adultos. Além disso, envolveram-se com maior frequência em relações de incesto com os seus pais, geralmente iniciaram bem cedo as atividades sexuais e com frequência

tiveram uma só relação sexual com o primeiro namorado ou foram vítimas de violações.

De acordo com as pesquisas realizadas pela Escola de Serviço Social do Estado e pelo Departamento Especializado de Recuperação Moral e Social, todos do Estado de São Paulo, uma das causas mais frequentes é a perda do “status virginalis”.

Araújo (1986) elucida que extrapolando a aprendizagem há outros fatores que podem gerar a prostituição, como os emocionais, sociais, educacionais e financeiros, considerando este último como um elemento decisivo para que um indivíduo ingresse neste tipo de profissão.

Segundo Ribeiro (1991) cerca de 20.000 mulheres brasileiras trabalham como prostitutas na Venezuela porque lá são mais valorizadas e ganham três vezes mais do que no Brasil.

A compreensão do indivíduo como ser holístico, inserido num ecossistema bastante complexo, nos faz admitir que não é factível pensar numa pessoa isolada do contexto social e econômico, levando-nos a afastar a idéia de causa única que leve uma pessoa a se prostituir, mas sim aceitar a multiplicidade de fatores causais já mencionados anteriormente.

Segundo Henriques (1968) a prostituição depende do “ethos” sexual da sociedade em que está inserida. Compartilhamos esta opinião por acreditar que as causas assumem importância de acordo com a época e a cultura, uma vez que moral, escala de valores e padrões de normalidade são culturais e se modificam de tempos em tempos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prostituição, embora seja uma profissão secular, ainda hoje encerra desafios perigosos, contradições, atos desumanos e carece de ações educativas.

Waugh (1989) afirma que o comércio sexual é universal e, a não ser que se apresente meios alternativos de sobrevivência, é ilusório pensar que as leis contra a prostituição ou os requisitos de registro e exames físicos possam remediar esta perigosa situação extra-matrimonial.

É essencial educar as prostitutas no sentido de fazê-las entender os riscos de saúde a que se submetem, bem como conscientizá-las sobre os meios preventivos a serem utilizados visando a sua auto-proteção, bem como a seus clientes.

Os programas para serem eficazes devem se basear principalmente na franqueza, veracidade e respeito pelo indivíduo.

Acredita-se que a prostituição seja uma profissão não só do ontem e hoje, como também do amanhã.

ABSTRACT

A bibliographic survey was carried out in order to look for definitions concerning "prostitution", to mention the classification of prostitutes, to identify the meaning of prostitution for these women, as well as the reasons that conduct these women to prostitution. For the last two objectives, 74 female prostitutes were interviewed in two cities of the state of São Paulo.

Key words: female prostitution.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAÚJO, M. L. M. Prostituição: formas atuais, aprendizado inadequado. In: VITIELLO, N. Sexologia II. São Paulo, 1ª ed. Roca, 1986, p. 74-77.
2. CAROLINO, E. M. P. Subsídios para estudo dos problemas de saúde mental numa população de prostitutas. Ribeirão Preto, 1980, 136 p. Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
3. CARPEAUX, O. M. História literária da prostituição. In: A prostituição é necessária? Depoimentos. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1966.
4. FERRAZ, E. F. A prostituição, forma remanescente de escravidão feminina. Conferência pronunciada. São Paulo-SP, na Escola de Polícia e Segurança Pública, e, 07.11.1952, 16 p. (Mimeografado).
5. FONSECA, G. História da prostituição em São Paulo. São Paulo, Resenha Universitária, 1982, 251 p.
6. GALLO, M. T e ALZATE, H. Brothel prostitution in Colombia. Archives of sexual behavior, vol. 5, nº 1, 1978, p. 1-7.
7. GOFFMANN, E. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo, Perspectiva, 1974,
8. HENRIQUES, F. Modern sexuality. Vol III, Londres, Macgibbon & Kee, 1968. Apud, ARAÚJO, M. L. M. Prostituição: formas atuais, aprendizado inadequado. In: VITIELLO, N. Sexologia II. São Paulo, 1ª ed., Roca, 1986, p. 74-77.
9. JAMES, J. e MEYERDING, J. Early sexual experience as/a factor in prostitution. Archives of sexual behavior, vol. 7, nº 1, 1977, p. 31-42.
10. MAFFEI, J. L. Prostituição e delito de contágio venéreo. Porto Alegre, Oficinas Gráficas da Livraria Sebbach, 1951, 83 p.
11. RIBEIRO, E. Prostitutas brasileiras na Venezuela são 20 mil. A Folha de São Paulo, 1 de junho de 1991, p. 1-8.
12. RODRIGUEZ, O. M. Las lacras sociales: de linquencia-prostitución-alcoholismo juego. In: Panoramas y balances del siglo XX. Montevideo, Tipografia Atlantida cuareim, 1960, 196 p.
13. SALLES, J. C. F. Aspectos psicológicos da prostituição. São Paulo, 1967.

14. SCAMBLER, G.; PESWANI, R.; RENTON, A ; SCAMBLER, A. Women prostitutes in the AIDS era. *Sociology of health and illness*, vol. 12, nº 3, 1990, p. 260-273.
15. Sociedade Bíblica do Brasil - Bíblia Sagrada. Antigo Testamento - DF, 1969, Gênesis, cap. 38 e Josué, cap. 2.
16. WAUGH, M. Sexually transmitted diseases and prostitution. *Journal of Royal Society of Medicine*, vol. 82, nº 6, 1989, p. 319-320.
17. WILLY, A. et al. Conjunto dos conhecimentos sexuais da vida contemporânea. São Paulo, Ibtasa Instituição Brasileira de Difusão Cultura. S.A., 1961.
18. WILSON, D.; SIBANDA, B.; MBOY, L.; MSIMANGA, S.; DUBE, G. A pilot study for an HIV prevention. Programme among commercial sex workers in Bulawayo, Zimbabwe. *Social Science Medicine*, vol. 31, nº 5, 1990, p. 609-618.